

**V Encontro do ICOM BRASIL**

**Fórum dos Museus de Pernambuco**

Recife, maio de 2007.

## **Museus e Patrimônio Universal**

Cristina Bruno

As palavras e argumentações reunidas neste texto foram inspiradas em cinco pensamentos distintos, que me levaram à reflexão sobre o que significa atuar em instituições que têm responsabilidades universais ou o que significa compreender no que somos universais. É evidente que estas reflexões têm as delimitações próprias do meu perfil profissional e da minha capacidade intelectual de problematizar o enfoque temático deste V Encontro do ICOM/Brasil.

Assim, lembrei de imediato do poema do Arnaldo Antunes (1998):

***“As coisas têm peso, massa, volume, tamanho, tempo, forma, cor, posição, textura, duração, densidade, cheiro, valor, consistência, profundidade, contorno, temperatura, função, aparência, preço, destino, idade, sentido. As coisas não têm paz”***

Procurei inspiração nos ensinamentos do geógrafo Milton Santos, que em uma entrevista, em 2000, nos alertou:

***“... Só que o presente é, ao contrário, uma escolha de futuros possíveis a se realizar num ponto de nossa trajetória”***

Lembrei, como sempre lembro, das palavras de Waldisa Guarnieri, que em 1984 nos apontou que:

***“Há, na realidade, uma museologia existente, real, que está aí fora, e há uma museologia postulada, sonhada, desejada”.***

Lembrei, também, da irreverência de Mario de Andrade quando nos disse, referindo-se aos museus:

***“... o que nos interessa não é a sua transformação técnica e sim moral”.***

E, finalmente, me ancorei nas palavras da coreógrafa Pina Bauche (2001) que nos conclamou a exercer ***“... o olhar especialmente apto a descobrir a reentrância da cicatriz, do relevo na inscrição, aquilo que singulariza e identifica”.***

Iniciei a elaboração deste texto pensando que as coisas não têm paz, que a responsabilidade sobre o nosso futuro está em nossas mãos no presente e que podemos encontrar a tal transformação moral na busca do equilíbrio entre

realidade e utopia. Entretanto, entendo que o maior desafio para elaborar uma reflexão sobre as nossas responsabilidades em relação ao patrimônio universal reside no exercício cotidiano de desvelar a reentrância da cicatriz e o relevo na inscrição, ou seja: no contexto universal dos museus há sempre um contraponto entre cicatrizes e relevâncias.

\*\*\*\*\*

O tema proposto pelo Conselho Internacional de Museus - ICOM/UNESCO para a comemoração do Dia Internacional de Museus, em diálogo com a proposta do Departamento de Museus e Centros Culturais – DEMU/IPHAN/MinC e da Associação Brasileira de Museologia - ABM que, por sua vez, encontrou acolhimento no Fórum dos Museus de Pernambuco é a razão desta reunião que reúne os segmentos local, nacional e internacional das comunidades museológicas.

O próprio perfil desta reunião já poderia ser compreendido como uma metáfora do enfoque temático central, ou seja: nas ações museológicas, pode-se pensar globalmente, agir localmente, mas, durante muitas décadas, ficamos sintonizados com as responsabilidades pela construção da identidade nacional, com a sacralização da arte, com o domínio científico e, de alguma forma, mergulhamos em descaminhos que nos confundiram em relação às ilusões globais e às dificuldades locais.

Uma rápida verificação dos temas dos inúmeros encontros, simpósios e congressos desta área, no Brasil, nos mostra o quanto trabalhamos e discutimos com vistas à compreensão sobre o perfil das nossas tarefas em um país que se reinventa sistematicamente; o quanto problematizamos a nossa capacidade de contribuir com a construção do ideário de nossa identidade nacional e, em especial, o quanto procuramos ampliar a nossa capacidade regional para a fundamentação de interlocuções nacionais. Mas, também, muitas vezes nos vemos naufragando em nossas instituições ou sem forças para seguir adiante.

Assim, de certa forma, nos esquecemos do potencial universal dos museus e não conseguimos dedicar um tempo para a adequada reflexão sobre a nossa capacidade para sermos universais.

Sabemos que estes segmentos de ações museológicas – internacional, nacional e local - nem sempre têm caminhos entrelaçados, articulados ou possibilitam interlocuções. Ao contrário, os olhares museológicos que privilegiam este ou aquele segmento, via de regra, são míopes ou opressores em relação aos outros.

Entretanto, não penso que a proposta temática do ICOM – “***Museus e Patrimônio Universal***” - tenha sido elaborada com intenção simplista.

Da mesma forma, entendo que a afirmação relativa à proposição do DEMU / ABM – “***Somos todos Universais***” – não se refere apenas a um jogo de palavras em relação á proposta do ICOM, pois ao afirmar nos interroga com uma certa

expressão de surpresa. Nas duas perspectivas, os enfoques temáticos nos causam espanto e inquietação. Mas, ambos nos estimulam e nos desafiam. E isso que é importante para a comemoração do Dia Internacional dos Museus. É sempre o desafio que nos encoraja para seguirmos em frente.

Por um lado, de imediato, o tema do ICOM nos leva a considerar o risco dos arrolamentos de bens que devem merecer reverência em detrimento de outras possibilidades patrimoniais, diminuindo o impacto das conquistas do pensamento da sociomuseologia e das discussões dos anos precedentes que valorizaram a criança, a ação comunitária, o patrimônio intangível, a inclusão social, entre outros temas que têm motivado as comemorações do dia dos museus de todos os continentes nos últimos 30 anos. Temas que nos impuseram verificações em nossas ações cotidianas, nos obrigaram a rever valores, nos conduziram à compreensão de que a formação profissional necessitava de novos olhares, nos permitiram aprender novas técnicas museográficas e, sobretudo, nos impulsionaram à defesa de uma função social mais nítida e intervencionista para as instituições museológicas.

Por outro lado, o surgimento dos museus modernos, na Europa do século XVIII, já evidenciava uma perspectiva universal a partir de um pensamento enciclopedista que, gradativamente, foi se especializando e assumindo novas responsabilidades, como, por exemplo, a defesa do estado-nação, da ciência em sua complexa multidisciplinaridade, da arte como expressão de crítica social.

Os desafios que emergiram ao longo do século XX evidenciaram a necessidade de uma interlocução interdisciplinar, de abordagens temáticas múltiplas e, em especial, de um olhar generoso e inclusivo em relação às diferenças sócio-econômico-culturais.

De instituições elitistas, colonizadoras, sectárias e excludentes, os museus têm procurado os caminhos da diversidade cultural, da repatriação das referências culturais, da gestão partilhada e do respeito à diferença de forma objetiva e construtiva. De instituições paternalistas e autoritárias, os museus têm percorrido os árduos caminhos do diálogo cultural e da convivência com o outro. De instituições isoladas e esquecidas, os museus têm valorizado a atuação em redes e sistemas, procurando mostrar a sua importância para o desenvolvimento socioeconômico. De instituições devotadas exclusivamente à preservação e comunicação de objetos e coleções, os museus têm assumido a responsabilidade por idéias e problemas sociais.

Há 12 anos, em nosso I Encontro Nacional do ICOM, em Petrópolis, discutimos fortemente o tema do ano – “Museus e Comunidades no Brasil – realidade e perspectivas”. Chegamos a elaborar um documento, com inúmeras propostas relativas aos distintos enfoques temáticos do campo museal, a partir de um olhar que valorizou a ação comunitária e, ainda, muito motivados pelos embates entre uma museologia tradicional e uma nova museologia.

Hoje, somos convidados para refletir e discutir sobre a responsabilidade dos museus em relação ao patrimônio universal.

Será que avançamos nestes anos? Quais foram as rotas percorridas? O que deixamos pelo caminho?

Entre a realidade comunitária e a perspectiva universal, será que chegamos mais próximos de uma museologia real? Será que dominamos com mais segurança os procedimentos museográficos? Será que conseguimos avançar na solução dos problemas inerentes à formação profissional? Será que não temos mais dúvidas em relação à função social de nossas tarefas nos museus?

Considerando que avançamos nessas frentes, - e acho que avançamos muito - não seria oportuno um balanço sobre a nossa identidade museológica para delinear a nossa contribuição à perspectiva universal?

Hoje, os profissionais desta área falam com naturalidade sobre os territórios de intervenção museológica da mesma forma que discutem catálogos raisonnés; abordam as inúmeras perspectivas da restauração dos múltiplos acervos com o mesmo entusiasmo com que estudam as possibilidades da conservação preventiva; problematizam sobre os distintos níveis para a formação profissional, mas entendem que esta discussão deve ser construtiva e, sobretudo, têm a consciência sobre a responsabilidade que cabe a estes profissionais, no que se

refere à manutenção e ampliação do espaço que estas instituições podem ocupar nas diferentes sociedades.

Entende-se, melhor, as características dos discursos expográficos, incentiva-se intensamente a realização de programas inclusivos de ação educativo-cultural e há o reconhecimento de que é impossível organizar uma instituição museológica sem o domínio técnico e científico em relação ao gerenciamento da informação relativa aos seus acervos. Gradativamente, estamos derrubando as barreiras que nos separam em guetos profissionais e, da mesma forma, estamos procurando entender como podemos desvelar os caminhos que nos separam de nossos pares e das sociedades.

Mas, então, os museus entendem que têm responsabilidades universais, e será que todos nós – profissionais – conhecemos as razões pelas quais podemos nos considerar universais? Será que a proposta do ICOM levou este aspecto em consideração?

Há uma certa confiança e um profundo entendimento de que os museus são instituições humanizadoras, que têm a capacidade de problematizar os temas que discutem a condição humana e que têm a potencialidade de salvaguardar e comunicar as expressões culturais, as referências patrimoniais e os indicadores da memória que os seres humanos têm elaborado, construído, selecionado e reunido.

As ciências nos mostram que a humanidade, há 45 mil anos, já dispunha de toda a sua capacidade de produção e expressão simbólicas. Com isso, é possível afirmar que a humanidade necessita de estímulos culturais e ambientais para dar segmento a sua trajetória de criação, de adaptação e de transformação.

A humanidade necessita de tempo e espaço para a elaboração de suas formas de sociabilidade, celebração e representação, para entender e fortalecer a sua capacidade de apropriação dos territórios, dos artefatos e das idéias, para delinear as distinções entre a função do indivíduo e dos grupos, no que se refere à construção das identidades, e para exercitar a sua vocação para ressignificar e negociar os seus valores e características culturais.

Sobretudo, a humanidade é dependente de estímulos e perspectivas que valorizem a sua auto-estima e permitam a constituição das noções de pertencimento para os indivíduos e para as sociedades. Em especial, a humanidade necessita de sinalizações que apontem para as perspectivas que diminuam os impactos da sua própria transitoriedade humana.

Neste sentido, os museus têm enormes potencialidades para serem instituições relevantes, com o propósito de dar sustentação aos processos humanizadores, pois são instituições vocacionadas para mediar os sentidos e significados de nossas representações patrimoniais.

Como gestoras e administradoras dos indicadores da memória, coleções e acervos, ou seja, das formas de expressões da humanidade e suas interpretações sobre o meio ambiente, estas instituições podem atuar, especialmente, em quatro segmentos:

- a) salvaguardar e comunicar as expressões culturais com vistas à sua valorização e ressignificação, evidenciando a sua função social contemporânea;
- b) amparar a negociação sobre os valores culturais a partir de estudos científicos e da interlocução com distintos segmentos das sociedades;
- c) desenvolver processos sistemáticos que consolidem a trajetória da educação da memória;
- d) preservar o espaço e o tempo para a fruição e argumentação sobre os nossos próprios valores e dramas culturais.

Para tanto, os museus devem ser elaborados a partir de uma ótica universal, mesmo atuando localmente e submetidos a políticas regionais, nacionais e internacionais. Neste caso, universais devem ser as premissas éticas a favor da humanidade; universais devem ser os compromissos técnicos a serem perseguidos para a organização adequada de salvaguarda e comunicação destas instituições, universais devem ser os esforços científicos para que os museus continuem produzindo conhecimento novo, universais devem ser as premissas para a capacitação profissional que permitam a compreensão sobre a complexidade dos trabalhos museológicos, entre muitas outras possibilidades.

Essa ótica, por sua vez, não pode negligenciar o respeito em relação ao ponto de vista local, às argumentações das sociedades diretamente envolvidas, à importância dos olhares interdisciplinares. Reside, aí, a grande dificuldade. É neste diálogo - entre o local e o global, entre os indivíduos e as comunidades, entre as comunidades e as sociedades e porque não dizer entre os profissionais do campo museológico e os outros agentes da constituição dos museus - que são desvelados os grandes impasses.

Vincular, explicitamente, os museus ao compromisso com o patrimônio universal significa entender que é importante uma interlocução entre discussões ideológicas, opções metodológicas e perspectivas técnicas, que possam diminuir as distâncias entre utopia e realidade.

Os museus, apoiados especialmente pelos estudos museológicos, têm esculpido lentamente um cenário propício para aproximar objetos selecionados e interpretados dos olhares interpretantes e com expectativas difusas, e em resgatar dos indicadores da memória os diferentes sentidos e significados, ou melhor, estas instituições têm a vocação de preservar a lucidez dos olhares perceptivos e seletivos – que se apropriam de referências culturais, coleções e acervos, constituindo instituições museológicas – mas, sempre, com a intenção de possibilitar a reversibilidade destes olhares, de permitir novos arranjos patrimoniais e novas apropriações culturais.

Então, o que cabe aos museus brasileiros neste exercício de reversibilidade de olhares? Em que perspectiva patrimonial podemos contribuir para a lucidez de olhares universais?

Reconheço que a nossa diversidade étnica, identificada desde o período pré-colonial e associada à biodiversidade do nosso território representa a nossa singular contribuição para uma museologia universal. Em especial, pela infinita capacidade de significação, pela obrigação de entender e conviver com a diferença e, sobretudo, pelos estímulos aos olhares perceptivos que os museus podem preservar e comunicar.

Após essas reflexões e voltando às inspirações iniciais, coloco quatro pontos para o debate:

- Há uma interlocução temática entre os nossos museus que evidencie a compreensão sobre a nossa sociodiversidade?
- Há um interesse em promover a articulação entre os domínios locais, nacionais e internacionais, a partir de uma ótica universal?
- Os nossos cursos de formação estão capacitando os profissionais para a compreensão sobre o significado museológico da diferença e não apenas da diversidade?
- A trajetória institucional dos nossos museus tem desvelado as estratigrafias do abandono cultural, ou tem reiterado os esquecimentos?

Finalmente, cabe sublinhar que somos todos universais, a partir de uma condição humana que nos singulariza neste território e nesta sociedade e é isto que os museus não podem negligenciar.

**Bibliografia Citada:**

ANDRADE, Mário -. “Museus Populares”. IN: *Problemas, Revista Mensal de Cultura*, a.1,5, seção Arte. São Paulo, jan, 1938

ANTUNES, Arnaldo – “As Coisas” .IN: *As Coisas*, São Paulo, Editora Iluminuras, 1998

GUARNIERI, Waldisa -Texto III. IN: *Produzindo o Passado – Estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, Milton – *Território e Sociedade*, Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 1996

\* a frase atribuída a Pina Bauche foi extraída do folheto de apresentação de um espetáculo de dança, realizado em São Paulo em 2001, com coreografia de sua autoria.